

EDITORIAL

“Somente um exame muito superficial pode conduzir à impressão de que a pura teoria do pensamento secundarizou a práxis da vontade revolucionária.”
Karl Korsch [1923], *Marxismo e Filosofia*.

Há quase um século, Karl Korsch denunciava as deformações que a episteme burguesa realizava no marxismo, dando-lhe dimensões contrarrevolucionárias, falseadas como evoluções teóricas e políticas. Naquele momento, intelectuais preocupados com a “elevação” do marxismo como ciência (na concepção burguesa desta), separavam o movimento operário da teoria revolucionária, procurando se autolegitimar enquanto classe intelectual, portadora da “teoria”, que seria inserida “de fora para dentro”, no proletariado. O resultado da deformação desembocava no reformismo dos partidos ditos operários (social-democratas) e no vanguardismo bolchevique.

Os problemas da transformação do marxismo em ideologia seguem atuais, e devidamente apresentados com novos elementos oriundos da sociedade contemporânea e de seu paradigma hegemônico — o subjetivista —, de onde brotam novas ideologias de seu solo venenoso. O número 27 da *Revista Enfrentamento* dedica-se, assim, à realização da crítica autogestionária a algumas dessas ideologias, seja das persistências do bolchevismo, seja dos modos pelos quais o proletariado é substituído por grupos sociais supostamente revolucionários.

A própria teoria da ideologia vivencia os problemas da deformação do marxismo por ideologias oriundas da episteme burguesa. Há trinta anos, no livro *“Ideologia: uma introdução”*, Terry Eagleton, preocupado em sintetizar as várias correntes que disputam o conceito de ideologia, afirmou a existência de duas tradições:

De modo geral, uma linhagem central – de Hegel e Marx a Lukács e alguns pensadores marxistas posteriores – esteve muito preocupada com ideias de verdadeira e falsa cognição, com a ideologia como ilusão, distorção e mistificação; já uma outra tradição de pensamento, menos epistemológica que sociológica, voltou-se mais para a função das ideias na vida social do que para seu caráter real ou irreal. A herança marxista hesita entre as duas correntes intelectuais (...). (Eagleton, 1997, p.16)

Discordamos do autor sobre “duas tradições”. No que ele vê duas, entendemos, do lado sociológico, parte das deformações acima aludidas e, do outro lado, a tradição do marxismo autêntico, ou seja, como “*expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado*” (Korsch). No que Eagleton chama de “cognição”, preferimos consciência, em suas variadas formas e expressões na totalidade social. Daí o peso da tradição de ideologia como “sistema de pensamento ilusório”, isto é, como elemento fundamental para entendermos a luta de classes em suas formas de legitimação da exploração e da desigualdade, das relações de produção do modo de produção capitalista. Portanto, não há “hesitação”, como Eagleton argumenta. Há, de um lado, deformação. De outro, a luta cultural expressa pela teoria revolucionária.

A correta compreensão da teoria da ideologia só pode ser desenvolvida pela sua compreensão na totalidade do pensamento de Karl Marx, ou seja, não há “hesitação”. Se há hesitação, há deformação, incompreensão. Sabemos, ainda, que o isolamento de um conceito ou categoria oriundo do marxismo, para ser incorporado em alguma ideologia, é um procedimento característico da episteme burguesa, ou seja, um isolamento e conseqüente fragmentação, perdendo a radicalidade crítica para dar espaço a construtos e categorias que lhe são antagônicas. No caso da ideologia, é sintomática, na contemporaneidade, a troca da teoria da consciência pela ideologia da subjetividade.

Neste sentido, o artigo que abre o presente número da *Revista Enfrentamento* se debruça justamente sobre deformações da episteme burguesa e suas correspondentes ideologias. Em “*Sistema capitalista e subjetividade: os paradigmas hegemônicos e o campo linguístico marxista*”, Nildo Viana demonstra como tais construtos, “sistema capitalista” e “subjetividade”, são operadores do modo pelo qual a episteme burguesa realiza sua compreensão da sociedade capitalista e, portanto, são antagônicos à episteme marxista. Aqueles que incorporam tais construtos, sistema e subjetividade, podem até se autoafirmarem marxistas, contudo, estão bem distantes dele.

O artigo de Rubens Vinícius da Silva, “*Concepção Marxista de Neoliberalismo: o fenômeno no capitalismo brasileiro*”, resultado de um trabalho teórico significativo com a teoria dos regimes de acumulação, desenvolve, de modo sintético, a posição do Brasil na história dos regimes de acumulação. O artigo contribui, sobretudo, para a

compreensão do “regime de acumulação integral subordinado”, ou seja, as particularidades do regime de acumulação integral no capitalismo brasileiro. No que tange às ideologias, o artigo contribui para a luta revolucionária, ao permitir a crítica das ilusões relacionadas às ideias de “desenvolvimentismo”, tão propaladas pelo bloco progressista, como expressão do seu miserável reformismo.

Sabemos da força das ideologias para a manutenção de ideias contrarrevolucionárias. Os artigos subsequentes demonstram continuidades de perspectivas que deveriam há muito estar abolidas, como a ideologia bolchevique, e a ideologia do estado de “bem-estar social”. No caso, trata-se, respectivamente, do artigo de Lucas Maia, “*O leninismo redivivo de Mészáros: um reformismo para o século XXI*”, no qual o autor realiza uma crítica radical, desapiedada, do expoente ideólogo bolchevique. Maia demonstra como Mészáros desenvolve um enorme esforço de renovação linguística para defender velhas posições bolcheviques, sobretudo, pelo leninismo, como a defesa da classe burocrática, da teoria da transição (o estado operário), e a recusa do conceito de capitalismo de estado para o entendimento dos resultados da contrarrevolução bolchevique de 1917. Já o artigo de Paul Mattick Jr, “*Os limites do Capital – David Harvey*”, realiza uma leitura crítica, pormenorizada, do modo equivocado pelo qual o geógrafo e ideólogo David Harvey entende elementos centrais da teoria do capitalismo de Karl Marx. Do modo pelo qual Harvey deforma a teoria do valor, Mattick Jr percorre os propósitos reformistas do primeiro.

Os três artigos que encerram o presente número avançam a luta cultural sobre as tendências hegemônicas de alguns movimentos sociais, bem como revelando sua ligação com o estado neoliberal, mesmo que, em discurso, o recusem (como afirmado por Marx, não se trata de entender uma época pelo que pensa de si mesma, mas por suas relações sociais concretas). Neste sentido, o artigo de Cleito Pereira dos Santos, “*Empreendedorismo e Empoderamento: duas faces da ideologia neoliberal conservadora e progressista*” avança a crítica a duas concepções constantemente renovadas pela tendência hegemônica no interior do movimento negro. Empoderamento e empreendedorismo, tomados em conjunto, trazem os modos pelos quais essa tendência do movimento negro trocou o conceito de classe social pelo “empoderamento” via neoliberalismo, com suas políticas segmentares, chegando a abrir caminho para o

conservadorismo, tamanha a cooptação e aceitação do microrreformismo típico das formas estatais do regime de acumulação integral.

No artigo *“Crítica ao manifesto feminista: poderá a revolução ser obra das mulheres?”*, Jaciara Veiga traz, com a razão e a coragem de uma autogestionária, a crítica à três ideólogas do feminismo, deformadoras da real condição feminina, bem como deformadoras do marxismo. Ao recusar a tese das autoras, do “protagonismo” feminino num processo revolucionário, Jaciara Veiga demonstra os equívocos teóricos e estratégicos desta perspectiva, mesmo que esta se apresente como “marxista”. Texto importante, pois é usual, nessa discussão, a contraposição entre “feminismo marxista” e “feminismo neoliberal”. Contra tal falsa oposição, a autora demonstra as relações entre ambas, ou seja, como o feminismo é, em sua essência, reformista, buscando sempre vantagens competitivas através de reivindicações endereçadas ao estado neoliberal.

Encerra o número 27 da *Revista Enfrentamento* o artigo de Mateus Alves, *“As Aventuras do Ecosocialista Löwy contra Karl Marx”*. Ao enfrentar este ideológico, Alves demonstra o modo ideológico pelo qual Löwy procura reorientar a luta contra o capitalismo, pela defesa do meio-ambiente (um grande recurso persuasivo, pois quem se colocaria a favor da destruição da natureza?). No bojo do autor e do livro, Alves traz à tona a deformação sobre o conceito de forças produtivas, apresentando o modo reformista ao qual Löwy entende a luta de classes e as formas possíveis de mudança das relações de produção.

Todos os artigos deste número orientam a luta cultural autogestionária na tradição defendida por Karl Korsch: a vontade revolucionária que não se perde ou define em falsas renovações teóricas. Por isso, insiste Korsch, a crítica às ideologias é fundamental neste processo, dado que,

(...) para uma concepção verdadeiramente dialética e materialista do processo histórico, seria impossível fazer (...) que a ideologia filosófica, ou a ideologia em geral, deixasse de ser um elemento efetivo do conjunto da realidade histórico social, isto é, um elemento que é preciso compreender em sua realidade segundo uma teoria materialista e que é preciso revolucionar na sua realidade mediante uma práxis materialista.

Assim seguimos, na luta cultural autogestionária, sempre afirmando: diante do capital, somente o enfrentamento é realista!